

## Capítulo 2 – Cerimônias Comemorativas

1

[...] Nenhum festival estava dotado de uma força de culto mais poderosa do que aquele que comemorava o Putsch, o "batismo de sangue" de 1923. O seu tema era osacrifício, a luta e a vitória final dos "antigos combatentes" do nacional-socialismo. Os sobreviventes do putsch, condecorados com a Ordem do Sangue, encontravam-se para areunião tradicional na Burgerbraukeller de Munique, no dia 8 de Novembro, para aliouvirem a alocução comemorativa de Hitler dedicada aos "dezesseis mártires do movimento nacional-socialista". No dia seguinte, os "antigos combatentes" marchavam doBurgerbraukeller para o Feldherrnhale, repetindo ritualmente a marcha de 1923, ao longode um caminho assinalado por archotes a arder, acompanhados de uma música fúnebre,do dobre dos sinos e da recitação lenta dos nomes de todos os que haviam sido mortos,desde 1919, ao serviço do partido. Estas cerimônias atingiram o aparato máximo em1935. Nesse ano, os cadáveres exumados das dezesseis "testemunhas de sangue" foramcolocados no Felherrnhalle, na véspera do dia das comemorações, e transferidos, a 9 deNovembro, em procissão solene, para o recém-construído Ehrentempel, na Konigplatz. O caminho era assinalado por duzentas e quarenta colunas, cada uma delas com o nome de um dos "caídos pelo movimento". À medida que a cabeça da procissão passava por cada coluna, o nome de um dos mortos era proclamado. Quando a procissão chegou aoFeldherrnhalle soaram dezesseis tiros de canhão, um por cada um dos dezesseis caídosde 1923. Enquanto os caixões eram colocados em carruagens para serem transportadospara o Ehrentempel, Hitler depôs uma coroa de flores no monumento aos mortos. NoEhrentempel, os nomes das dezesseis "testemunhas de sangue" foram evocados, um por um, e o coro da Juventude Hitleriana respondeu à chamada de cada nome com o grito "presente!". Após cada grito soaram três tiros em saudação. Esta comemoração era umarepresentação paga da Paixão, apresentada num vocabulário pedido de empréstimo àreligião.A narrativa relata acontecimentos históricos — mas acontecimentos históricostransfigurados pela mitificação que os transformou em substâncias inalteráveis e imutáveis. O conteúdo dos mitos é representado como não estando sujeito a qualquer espécie de mudança e o mito ensina que a história não é um jogo de forças contingentes— as constantes fundamentais são a luta,

o sacrifício e a vitória. As virtudes cardeais donacional-socialismo consubstanciadas, por assim dizer, mas dezesseis "testemunhas desangue", são a obediência incondicional, a confiança absoluta e a preparação para osacrifício até à morte. O fiasco político de 1923 não é, deste modo, reinterpretado e representado nem como uma derrota, nem como fútil e sem sentido. O destino mortal daqueles que nele tombaram deve ser interpretado não como uma morte sem sentido, mas como uma morte sacrificial. Deve ser entendido como um acontecimento sagrado, que aponta em frente, para um outro acontecimento sagrado, o de 30 de Janeiro de 1933, pois a tomada do poder não é interpretada como um mero êxito político, tal como o putsch de 1923 não o é como um mero fracasso político. Nenhum deles pertence à esfera das coisas mundanas. O acontecimento "sagrado" do putsch prefigurava a vitória, enquanto o acontecimento "sagrado" da tomada do poder dava, por fim, forma real ao conteúdo da revelação, o "Reich". Entre os dois acontecimentos estabeleceu-se uma concordância mítica e a data crucial recorrente desta narrativa mítica é o 9 de Novembro. Esta narrativa era mais do que o contar de uma história, era um culto encenado, era um rito estabelecido e representado. A sua história não era inequivocamente contada no pretérito, mas no tempo de um presente metafísico. Subestimaríamos o poder comemorativo do rito, minimizaríamos o seu poder mnemónico, se disséssemos que ele recordava acontecimentos míticos aos participantes. Deveríamos antes dizer que o acontecimento sagrado de 1923 era rerepresentado; os que participavam no rito davam-lhe uma forma cerimonialmente corporizada. A realidade transfigurada do mito era rerepresentada uma e outra vez, quando aqueles que tomavam parte no culto se tornavam, por assim dizer, contemporâneos do acontecimento mítico. Todos os anos, a marcha histórica de 1923 repetia-se; todos os anos, soavam os dezesseis tiros, repetindo os dezesseis disparos mortais de 1923; todos os anos, as bandeiras eram agitadas não como símbolos que se reportassem a um acontecimento acabado, mas como relíquias consubstanciais desse mesmo acontecimento. Acima de tudo, era através de atos representados num lugar sagrado que a ilusão do tempo mundano era suspensa. No Feldherrnhalle dava-se, todos os anos, uma forma presente à estrutura mítica. Neste local a diferença temporal era negada e a existência da mesma realidade, "verdadeira" e "autêntica", anualmente desvendada. O regime nacional-socialista era recente e as suas cerimônias recém inventadas, apesar de adotarem deliberadamente alguns componentes cristãos — de calendário e de caráter intrínseco — da mesma maneira que as

cerimônias cristãs primitivas adotaram alguns elementos pagãos. Assim, o nazi estava para o cristão como o cristão estava para o pagão. Há uma tradição germânica muito antiga — assim identificada — e esta tem sido em parte mantida em funcionamento.

2

Acontecimentos da natureza dos que foram atrás referenciados fazem parte, claramente, de um fenômeno mais vasto, o da ação ritual. Existe um desacordo substancial quanto à forma como a palavra ritual deveria ser utilizada, mas considero que uma das definições mais sucintas e funcionais à nossa disposição é aquela que Lukes propõe, sugerindo que empreguemos o termo ritual para designar "a atividade orientada por normas, com caráter simbólico, que chama a atenção dos seus participantes para objetos de pensamento e de sentimento que estes pensam ter um significado especial". As premissas contidas nesta definição podem ser reveladas através de três proposições interligadas, cada uma das quais se pode enunciar mais facilmente sob uma forma negativa. Os ritos não são meramente expressivos. É verdade que são atos com mais de expressivo do que de instrumental no sentido em que ou não são dirigidos para um fim específico, ou, se o são, como no caso dos ritos de fertilidade, não conseguem alcançar o seu objetivo estratégico. Mas os ritos só são atos expressivos em virtude da sua regularidade notória, são atos formalizados e tendem a ser estilizados, estereotipados e repetitivos. Dado serem deliberadamente estilizados, não estão sujeitos à variação espontânea, ou, pelo menos, só são suscetíveis de variação dentro de estritos limites. Não se realizam sob uma compulsão interior momentânea, mas são deliberadamente celebrados para simbolizar sentimentos. Libertam, na verdade, sentimentos expressivos, mas este não é o seu objetivo central. Os ritos não são meramente algo de formal. Expressimos vulgarmente a nossa percepção do seu formalismo falando de tais atos como "meramente" rituais, ou como formas "vazias", e põmo-los freqüentemente em contraste com atos e declarações às quais nos referimos como "sinceras" ou "autênticas". Mas isto é enganador, pois aqueles que celebram os ritos sentem que estes são obrigatórios, mesmo que não incondicionalmente, sendo a interferência com atos dotados de valor ritual sempre sentida como uma injúria intolerável infligida por uma pessoa, ou grupo, a outro. Podemos achar que as crenças que outra pessoa qualquer considera sagradas são puramente fantásticas, mas nunca pode pedir-se de ânimo leve que a sua expressão efetiva seja violada. E, inversamente, as pessoas resistem à obrigação de fazer

louvares a um conjunto de ritos alheios, incompatíveis com a sua própria visão da "verdade", porque encenar um rito é sempre, num certo sentido, estar de acordo com o seu significado.

Obrigar os patriotas a insultarem a sua bandeira, ou forçar os pagãos a receber obatismo, é violentá-los. O efeito dos ritos não está limitado à cerimônia ritual. É verdade que os ritos tendem a realizar-se em lugares especiais, em datas estabelecidas. É um fato que muitos ritos assinalam momentos de início e termo tanto em cerimônias nas alturas críticas da vida dos indivíduos — por exemplo, o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte —, como também nas cerimônias recorrentes do calendário, mas o que quer que os ritos demonstrem, impregna também o comportamento e a mentalidade não rituais. Embora delimitados no tempo e no espaço, os ritos são também, por assim dizer, porosos. Considera-se que fazem sentido, porque têm significado relativamente a um conjunto de outras ações não rituais, para toda a vida de uma comunidade. Os ritos têm a capacidade de conferir valor e sentido à vida daqueles que os executam. Todos os ritos são repetitivos e a repetição subentende automaticamente, a continuidade com o passado, mas existe uma classe distintiva de ritos que têm um caráter calendarizado explicitamente virado para o passado. Os festivais nacional-socialistas pertencem a este tipo e é fácil pensar em mais exemplos. Assim, em muitas culturas, os festivais são realizados como a comemoração de mitos que lhes estão associados e como a recordação de um acontecimento que se pensa ter ocorrido numa data histórica determinada, ou num qualquer passado mítico; existem cerimônias recorrentes no calendário, como o Dia de Ano Novo e os aniversários; as festas dos santos cristãos comemoram-se em certos dias do ano; no cenotáfio, celebram-se cerimônias de recordação; as bandeiras são colocadas a meia-haste; põem-se flores nas sepulturas; existem atualmente mais de uma centena de embaixadas, em todas as capitais mundiais mais importantes, cada uma com, pelo menos, uma celebração nacional para a qual os funcionários devem ser convidados, todos os anos. Algumas destas comemorações são celebradas de bom grado, outras são um fardo e outras não provocam mais do que um bocejo moderadamente emocionado. Contudo, a característica que todas têm em comum, e que as afasta da categoria mais geral dos ritos, é que não implicam apenas a continuidade com o passado, mas reivindicam explicitamente essa mesma continuidade. E muitas delas, nas quais desejo agora fixar a atenção, fazem-no através da reencenação ritual de uma narrativa de

acontecimentos que se julga terem decorrido num tempo passado, de modo suficientemente elaborado para incluírem a performance de seqüências mais ou menos invariáveis de atos e declarações formais. Em nenhum outro domínio é esta pretensão, de comemorar uma série anterior de acontecimentos fundadores sob a forma de um rito, mais amplamente expressa do que nas grandes religiões mundiais. Uma tal pretensão está nelas constantemente presente.

3

[...] A primeira linha de argumentação, a que chamarei a posição psicanalítica, consiste na perspectiva de que o comportamento ritual se compreende melhor como uma forma de representação simbólica. Afirma-se que os ritos são o enunciado sistematicamente indireto, codificado no simbolismo do rito, de conflitos que esse rito disfarça e, nessa medida, nega. O processo primário, que se considera explicar o processo secundário da representação simbólica, está localizado na história de vida do indivíduo, embora as interpretações psicanalíticas particulares do ritual possam variar, conforme a fase edipiana ou pré-edipiana da infância, ou outro qualquer processo conflitual, seja, ou não, tomada como a gênese de tais representações. Aquilo que todas essas interpretações têm em comum é descodificarem o texto ritual como tendo uma carga de conflito e estando, por isso, de certo modo, carregado de estratégias de negação. É possível interpretar os rituais psicanaliticamente como representações simbólicas, explicando essas representações em termos da história de vida do indivíduo.